

ASPECTOS FÍSICOS

Localização Geográfica

Situado na Mesorregião de Fortaleza e na Microrregião de Fortaleza, o Município com a área de 336 km², é limitado ao norte pelo Oceano Atlântico; ao sul, pelos Municípios de Maranguape, Pacatuba e Aquiraz; a leste, pelo de Aquiraz e pelo Oceano Atlântico; a oeste, pelos Municípios de Caucaia e de Maranguape. A Sede Municipal, a 15 m de altitude, tem sua posição geográfica determinada pelo paralelo de 3° 43' 02" de latitude sul em sua interseção com o meridiano de 38° 32' 35" de longitude oeste.

Relevo e Hidrografia

O Município, com cotas altimétricas que oscilam do nível do mar a pouco mais de 110 metros, apresenta, de forma esquemática, duas unidades de relevo. A primeira, corresponde a uma superfície elaborada em rochas cristalinas, de topografia suavemente ondulada, dominada por algumas elevações, como o serrote do Ancuri, e parcialmente recoberta por uma camada pouca espessa de sedimentos argilo-arenosos do grupo Barreiras, que originam um relevo de tabuleiros, de topo suavizado, delimitados ao norte por uma escarpa que corresponde a uma falésia. Estes tabuleiros estão em níveis altimétricos de 15 a cerca de 30 metros. Algumas depressões existentes na área dos tabuleiros foram ocupadas por lagoas, cuja importância está ligada às possibilidades que oferecem para parte do abastecimento de água do Município. A segunda unidade é a da área modelada em sedimentos quaternários recentes, sendo constituída por planícies aluviais alagáveis, lagoas, praias e dunas. Estas têm grande expressão na paisagem litorânea cearense, chegando a alcançar, no Município, a altitude de cerca de 70 metros. A gênese das dunas está ligada à ação dos ventos alísios de direção e frequência constantes sobre o farto material arenoso das praias. A existência de dunas fixas e móveis nesta área sugere duas épocas de formação. As primeiras, também formadas sob condições enérgicas de aridez, foram fixadas durante uma fase climática mais úmida, quando então a vegetação colonizou as mesmas. As dunas móveis, ainda em processo de formação, indicam uma nova fase de aridez,

ESTADO DO CEARÁ FORTALEZA

HISTÓRICO

Depois de fracassadas tentativas de colonização por Pero Coelho, em 1603, e pelos padres Francisco Pinto e Luís Figueira, em 1607, não se tem notícia de novas expedições ao Ceará, até que as necessidades da reconquista do Maranhão exigissem a vinda de Martins Soares Moreno.

Moço, no dizer de historiadores, corajoso, forte e possuidor de todas as virtudes dos paladinos portugueses do século XVII, erigiu, a 20 de janeiro de 1612, na barra do rio Ceará um fortim a que chamou São Sebastião. Em 1613, o fortim recebeu a visita de Jerônimo de Albuquerque, que, destinando-se ao Maranhão, passou por ali a fim de convidar Soares Moreno a participar da expedição.

Ausentando-se para o Maranhão. Moreno só voltou ao Ceará em 1621, encontrou o forte em ruínas mas reconstruiu-o tratando de apaziguar os indígenas; distribuiu sementes, mudas de cana-de-açúcar e gado, procurando lançar as bases da prosperidade da Capitania. Permaneceu na terra até 1631, quando teve de ir para Pernambuco lutar contra os holandeses. Sucederam-no no comando Domingos da Veiga Cabral e Bartolomeu de Brito Freire. O fortim, reduzido a estado precaríssimo, foi tomado pela expedição de George Gartsman e Henderick Huss, a 26 de outubro de 1637, ficando sua guarda sob a responsabilidade do tenente Van Hans, posteriormente substituído por Gedion Morris.

Em 1644, foi o forte assaltado e destruído por índios revoltados. Os flamengos voltaram em 1649, com 298 homens em duas embarcações grandes e dois barcos menores, desembarcando a 3 de abril e levantando novo fortim, distante do primeiro, a margem do riacho Pajeú na elevação de terreno chamado Marajaig. Este forte, construído segundo planta do engenheiro Ricardo Carr, recebeu o nome de Forte Schoonenborch, em homenagem ao governador de Pernambuco. Antipatizados e hostilizados pelos índios, os holandeses transferiram todos os alojamentos e instalações e subsistência para dentro do forte.

Tal situação perdurou até que, vencidos em Pernambuco, foram obrigados a entregar a praça de guerra a Álvaro de Azevedo Barreto, que a restaurou convenientemente e lhe mudou o nome para Forte de Nossa Senhora da Assunção. Com o eficaz apoio e cooperação dos índios pacificados, deu início a construção de uma ermida, em 1654, restabelecendo, destarte, a colonização portuguesa.

Feito de madeira e estacas de carnaúba, por diversas vezes teve de sofrer reformas, até desmoronar. No local do forte arruinado, foram lançados os alicerces da Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção em 12 de outubro de 1812. Em 1847 a fortaleza sofreu remodelações e dez anos depois foi classificada como de 2.^a classe. Em 1910, foi desarmada, permanecendo como simples monumento histórico.

Fortaleza - a "loura desposada do sol" do poema de Paula Ney, participou de movimentos cívicos da história do Brasil, antes e depois da Independência. Referência especial deve ser feita à atitude de bravos jangadeiros, chefiados por Francisco José do Nascimento, o "Dragão do Mar", os quais impediram o trânsito de escravos no porto da capital, tornando o Ceará o Estado pioneiro da abolição da escravidão no Brasil, a partir de 1884.

Fortaleza não é só bravura e civismo, é também ação e progresso. Atestam-no vaivém da vida diária, suas chaminés fumegantes, seu incremento demográfico, dificilmente acompanhado por algumas raras cidades. A metrópole cearense presta, sim sua colaboração ao progresso de todo o País.

Gentílico: Fortalesense ou Fortaliciense

FORMAÇÃO ADMINISTRATIVA

A Ordem Régia de 13 de fevereiro de 1699 cria a primeira vila no Ceará, origem do atual Município de Aquiraz, instalado em 1700, na sua primitiva sede - o núcleo de Fortaleza.

Em 1701 transfere-se a sede para a Barra do Ceará, que mais tarde recebe a denominação de Vila Velha, volta novamente para Fortaleza em 1706. Ainda no mesmo ano, a sede trasladou-se para a Barra do Ceará, retornando a Fortaleza em 1708. Em 1710 a vila toma o nome de São José de Ribamar do Aquiraz.

Por Resolução Régia de 9 de março de 1725, é criado o Município de Fortaleza, com sede no núcleo do mesmo nome, então elevado a categoria de vila. A instalação data de 13 de abril do ano seguinte.

A categoria de cidade é conferida a Fortaleza pela Resolução de 2 de janeiro, Decreto de 24 de fevereiro e Carta de 17 de março de 1823. Por este último ato, recebe também a denominação de Fortaleza da Nova Bragança.

Em 1911, segundo Divisão Administrativa, a capital do Ceará compunha-se dos distritos de Fortaleza e Patrocínio. No Decreto estadual 1.156, de 4 de dezembro de 1933, aparece com os distritos da sede, Alto da Balança, Barro Vermelho (mais tarde Antônio Bezerra), Messejana, Mondubim e Parangaba. Na divisão de 1936 está acrescido de Rodolfo Teófilo.

Por força do decreto-lei estadual n.º 448, de 20 de dezembro de 1938, o Município perde parte de seu território para o de Maranguape e passa a compor-se dos distritos de Fortaleza (sede), Antônio Bezerra Messejana, Mondubim e Parangaba.

MUNICÍPIO: FORTALEZA

estando ainda se deslocando em direção ao interior. Os ventos alísios são também responsáveis pelo deslocamento dos cordões arenosos, influenciando no desvio das embocaduras de alguns rios, na formação de áreas alagáveis no interior daqueles e na formação da ponta de Mucuripe, onde o litoral cearense chega a mudar de direção. Essa ponta constitui um importante acidente que favoreceu a construção do porto de Mucuripe. Outro aspecto físico do Município é o da existência, em alguns vales, de lagoas alongadas ao longo dos rios, estando sua origem ligada aos movimentos eustáticos, quando, durante um movimento regressivo, a erosão fluvial agiu bem abaixo do nível atual do mar. Um movimento transgressivo posterior elevou o nível do mar, afogando os baixos cursos dos rios, que barrados na foz, originaram tais lagoas, cujos exemplos mais expressivos, no Município são os da Precabura e Sapiranga. No caso dos rios Ceará e Cocó, a área lacustre foi inteiramente colmatada pela intensa sedimentação, surgindo em seu lugar planícies aluviais. As marés, provocando a penetração de água salgada nestes rios, favoreceram a intalação de salinas nestas planícies.

A rede hidrográfica, tem como principais cursos d'água os rios Ceará, Maranguape, Cocó, Pacoti e Coaçu. Entre as lagoas sobressaem a Precabura, a Sapiranga, a de Parangaba, a do Cajueiro e a de Messejana. O Município é beneficiado por alguns açudes, como o Dendê e o Janguruçu.

Clima

Com temperaturas normalmente altas durante todo ano (média anual em torno de 27°C) ativamente as taxas de demanda ambiental de água que totalizam, em média cerca de 1 600 a 1 700 mm ao final do ano, seu clima é tropical do tipo megatérmico. Seus totais pluviométricos anuais, apesar de normalmente altos (cerca de 1 200 a 1 300 mm predominantemente) são, no entanto, inferiores às necessidades ambientais e estão sujeitos à grande irregularidade ano-a-ano, resultando em clima subúmido. Suas chuvas são muito de sigualmente distribuídas ao longo do ano. A estação chuvosa estende-se geralmente de fevereiro a junho, com totais mensais normalmente entre 100 e 300 mm (85% das chuvas anuais). Entretanto moderados ou grandes excessos de água nos solos que ficam disponíveis para escoamento superficial e realimentação das cheias dos rios costumam ocorrer apenas de fevereiro a maio (época

MUNICÍPIO: FORTALEZA

de chuvas superiores às necessidades ambientais de água). Ao contrário, de junho a janeiro, chove aquêm das necessidades, mas somente de agosto a dezembro os solos ficam muito secos, quando chove apenas cerca de 5%. Quanto ao regime térmico, este é de pequena variação sazonal, cerca de 2°C em média entre os meses mais quentes e os mais frios. Apesar da quase uniformidade térmica, os meses de primavera-verão (setembro a fevereiro) costumam ser mais quentes: médias em torno de 27°C, máximas diárias predominantes cerca de 31°C, porém os valores extremos não costumam ultrapassar os 36°C. Quanto às mínimas diárias, predominam valores entre 22 e 24°C, em qualquer mês, muito embora os termômetros já tenham descido aos 17°C nos meses de inverno (junho a agosto).

Vegetação

A vegetação constituída por três formações principais: a caatinga - formação não florestal, decídua, subxerófila apresentando como espécies mais comuns, o marmeleiro, o mufumo a faveleira e a carnaúba, esta última, de grande importância econômica, ocorrendo especialmente junto aos cursos d'água. A segunda formação é caracterizada pela vegetação de praias e restingas, cujas espécies mais frequentes são o cajueiro, o murici e o capim da praia. A outra formação é o manguezal - vegetação do tipo florestal, perenifólio, paludoso, marítimo, com presença de mangue verdadeiro, mangue canoé e mangue manso. Atividades agropecuárias, associadas ao crescimento urbano, alteraram grande parte da cobertura vegetal original.

Solos

Predominam solos bem desenvolvidos, profundos, moderadamente drenados, porosos, de consistência friável a firme e de média fertilidade natural com possibilidades de uso agrícola; associados a solos encharcados, pouco profundos, mal drenados, de baixa fertilidade natural, ácidos, pouco permeáveis, altamente intemperizáveis e bastante saturados com alumínio (podzólico vermelho-amarelo + laterita hidromórfica). Ocorrem também, solos pouco profundos, mal drenados, apresentando limitações ao uso agrícola devido ao excesso de umidade que é acumulada no período chuvoso. Estes são encon-

MUNICÍPIO: FORTALEZA

trados em associação com solos suscetíveis à erosão, mal drenados, de baixa fertilidade natural devido à existência de poucos minerais primários como fonte de elementos nutricionais, possuem elevados teores de sódio e deficiência de água. E a solos minerais, pouco desenvolvidos, rasos, muito suscetíveis à erosão, geralmente bem drenados e com restrições ao uso agrícola devido principalmente à pouca profundidade (planossolo + solonetz + litólicos). Finalmente, em manchas isoladas, aparecem solos arenosos, pouco desenvolvidos, profundos, bem drenados, de baixa fertilidade natural, ácidos, permeáveis e de pouca capacidade de retenção de umidade (areias quartzosas).

INFORMAÇÕES SOBRE O ENTREVÍDIO DE FORTALEZA

ASPECTOS HISTÓRICOS

Foi a 3 de abril de 1649 que, por volta do meio dia, chegou ao Goará a frota comandada por Matias Beck.

Este capitão holandês havia saído de Recife a 20 de março, com os seus três navios e outras embarcações menores, carregando 250 homens - soldados, gente de tropa, índios brancos e negros escravos.

Antecedeu a pequena armada na "baía assés eçmeia chamada Mauritiba, com capacidade para grandes navios e oferecendo facilidade para os seus carregamentos serem transportados".

E "não tendo deparado com nada algum mais próprio o melhor, resolvi mandar construir ali, com toda a brevidade possível, a nossa fortificação" - é o nome Beck que escreveu, no seu esboço de "Diário".

O local designado por esse ali era o ponto do arvore com uma denominada Marajal-tiba, na fés de riosinho atualmente quando desocupado - o Pajóu, "d'água fresca e doce, que do ponto da fortificação pode ser defendido".

No dia 10 "o engenheiro Henrique Gar traçou o plano da fortificação, cuja construção foi diligentemente começada por duas companhias, empregando no todo 40 soldados, diariamente reforçados por tropas de quadras até ser terminada a obra".

A data de 10 de abril pode, depois disso, ser considerada o marco inicial da fortaleza, porque na volta de forte que teve o nome de "Seheembarck", é que a povoação se desenvolveu e aos poucos progrediu.

Anteriormente à chegada de Matias Beck, o português Martin Soares Morone (1612) havia-se fixado na região, em um forte que levantou na barra do rio Goará, alguns quilômetros ao pé do de Mauripó - o forte em presidio do "São Sebastião".

Mas em 1638 os flamengos o tomaram, e o mantiveram até 1644, quando foram tomados pelas índias.

Na fortaleza do Soares Morone os neerlandeses aproveitaram os canhões e algum material para a construção de "Seheembarck".

Até 1654 os soldados de Matias Beck estiveram no Goará, entregues à exploração do minério da prata, porém com a capitulação da Zaforda, no Recife, e abandonaram para sempre, levando tudo quanto puderam, menos a fortificação, que ficou de pé, assinalando, tristemente, nestas paragens da costa brasileira, os derrotados intentos de um comércio ostável e duradouro.

Depois de conhecidos de "país de Jaguaribo", os lusos repararam o forte, deram-lhe o nome de Nossa Senhora da Assunção e dele ficaram o centro militar e administrativo de seus negócios e interesses na Capitania, com pedo-lo melhorar todavia, pelo que somente em 1659, a Metrópole colaborou ^{criar} a vila de Goará, com a sua Câmara, seus juizes e escrivães.

A concessão da ordem régia que estabeleceu essa medida muito custou aos mercadores de povoações da fortaleza, em face das desvantagens surgidas no momento da inauguração do pelourinho, símbolo de poder civil do São Sebastião.

Semonte em 1726, no dia 13 de abril, pode ser instalada definitivamente a vila de Fortaleza, pelo Capitão-mor Manuel Francês.

Localizada em zona desfavorável em relação ao sentido da penetração peveadora, que se pressovava subindo os rios, a vila pouco se adimnteu durante todo o século XVIII, em trariamento ao que aconteceu em outras, como Aracati e Icó, então fiorescentes.

Em 1800 oseroviá o Governador Bernardo Manuel de Vasconcelos que Fortaleza "era um mentão de arcaia profunda, apresentando dos lados pequenas casas térreas", muito pobres, pois "a riqueza de seus moradores está depositada em mãos de dois ou três, os quais são reputados muito abastades por possuírom 25 a 30 mil cruzados,, des qualis parte consiste em algumas ro-
gas de mandieira, outra muito tónus em dinheiro e o resto em dívidas, umas poucas seguras e ou-
tras dependentes ainda das decisões das leis e opiniões foronsos".

Não registrava uma população maior de 1 200 habitantes.

A carta imperial de 17 de março de 1823, elevou a vila à categoria de cidade, em demoninação de Fortaleza de Nova Bragança, que o povo não adoteu, passando a titulá-la simples-
mente de Cidade da Fortaleza ou Cidade de Ceará.

Ató meade de século passado ainda não crescera convenientemente. O número de
seus moradores, apurado no reconseamento de 1848, era de 8 900, distribuidos em 1 418 casas,
destas apenas 571 de tijolo e tolna.

Nesse mesmo ano, a 12 de março, foi inaugurada a sua iluminação pública, alimon-
tada por azeite de peixe, o só em 1855 tiveram início os calçamentos, feitos de pedra tenca.

A cultura intelectual da cidade, entretanto, se intensificara bastante, com a
rapaziada frequentando o Liceu (hoje Colégio Estadual) fundado em 1845, servido de excelentes
mestres e superiormente dirigido pelo Padre Dr. Tomás Pompo de Souza Brasil, mais tarde Soan-
der Pompo.

Havia uma casa de espetáculos - o Teatro Talienso, mantido por uma sociedade par-
ticular o que se transformara em animado e distinto cenário de festas sociais e solenidades
cívicas, comemorativas dos mais destacados acontecimentos nacionais. Durante os intervalos das
representações faziam-se discursos, recitavam-se versos e executavam-se números de arte, dando
maior efeito às noites das diversões.

Administrativamente, Fortaleza sobronede foi beneficiada pela atuação e zelo do
Boticário Ferreira (Antônio Rodrigues Ferreira), chefe político o por várias anos intendente
municipal. Ele ó que rigorosamente respeitou o fôz cumprir o plano de remodelação urbanísti-
ca deixada pelo Coronel de Engenheiros Silva Paulet desde o tempo do Governador Manuel Inácio
de Sampaio (1812 - 1820). Com a morte do Ferreira, a obediência ao cidade plano esteve garan-
tida pelos cuidados do Engenheiro de Município, Adolfo Horbater.

Dal por que Fortaleza apresenta o interessante aspecto de ruas certadas em ân-
gulo reto, Fernando xadroz, tude ajudado pela regularidade de sua topografia de planície.

A partir de 1880 a cidade temu acostuado incremento. Ao terminar a centúria, em
tava 50 000 habitantes, com iluminação à gás carbone e bondes de tração animal, bibliotecas e
educandários, sociedades literárias e institutos culturais, des qualis são, ainda hoje, expres-

são do alto movimento o "Instituto de Goará", fundado em 1897, e a "Academia Goaráense de Letras", em 1891, a primeira criada no Brasil.

Largamente os embolões Fortalosa com os serviços profitoriais iniciados pelo Intendente Guilherme Rocha e continuados pelos seus sucessores, notadamente Ildofonso Albano.

Ficaram afiançados os seus jardins, principalmente o Parque Público e o 7 de Setembro, na Praça de Ferrovia, ambas admiravelmente tratadas e frequentadas pela gente do col, em veredas de desfilas de olagância e apurada ornamentação das redes parisienses.

O Prefeito Alvaro Noyon, 1928 - 30, deu impulso mais firme a renovação dos trabalhos urbanos e, no campo das administrações revolucionárias decorrentes do "Movimento de 1930", a cidade ganhou outros benefícios com a nova pavimentação dos seus logradouros públicos a paralogipódicos e a esmerote, iniciativa de Prefeito Raimundo Girão.

De lá para cá Fortalosa redormiu-se acoloradamente graças ao espírito arrojado e ao bom gosto dos seus habitantes. Os seus bairros residenciais são de mais apurada arquitetura, dando à cidade fôro que a colocam em posição de rolôve entre as suas irmãs brasileiras. A sua população atual é de 344.462 habitantes (população estimada para 1º de julho de 1956).

FORMAÇÃO ADMINISTRATIVA

A Orden Régia de 13 de fevereiro de 1699, criou a primeira vila no Goará, origem de atual Município de Aquidauã, a qual foi instalada em 1701, na sua primitiva sede, - e núcleo de Fortalosa.

Em 1701, transferiu-se a sede para a Barra de Goará, posteriormente denominada Vila Velha; volta, porém, para Fortalosa em 1706, ano em que movimento se trasladada para a Barra de Goará, tornando a Fortalosa em 1708.

Pela Orden Régia de 30 de janeiro de 1910, a vila teve o nome de São João do M Barro, transferida a sede para Aquidauã, onde permaneceu desde 27 de junho de 1713, quando ali foi instalada.

A Resolução Régia de 9 de março e Carta Régia de 11 de março de 1725 autorizaram a criação de Município de Fortalosa, com sede em o núcleo de nome esse, então elevada à categoria de vila, e qual instalou-se em 13 de abril de 1726.

Por Resolução Imperial de 2 de janeiro, Decreto Imperial de 24 de fevereiro e Carta Imperial de 17 de março de 1823, a vila de Fortalosa foi elevada à categoria de cidade, e, por isto último ato, recebeu a denominação de Fortalosa de Nova Bragança.

Na "Divisão Administrativa, em 1911", o Município de Fortalosa compôs-se de dois distritos: Fortalosa e Patrocínio.

Os decretos estaduais no. 193, de 20 de maio de 1931, o 1 156, de 4 de dezembro de 1933, mantiveram o Município de Fortalosa, que, na divisão administrativa referente ao ano de 1933, se divide nos seguintes distritos: Fortalosa, Alto da Balança, Barro Vermelho, Boca Jera, Mandubim e Perangaba.

Na divisão territorial de 31-XII-1936 o Município de Fortalosa constituiu-se dos mesmos distritos citados e mais o de Realço Público, escripta ainda a mudança de topônimo do Barro Vermelho para Antônio Bezerra.

Pelo Decreto Estadual nº 448, de 20 de dezembro de 1938, o Município de Fortaleza perdeu parte do território do extinto distrito de Redolfo Teófilo para o distrito de Maracanaú, do Município de Maranguape, extinguindo-se, também, o distrito de Alto da Balança, cujo território se anexou ao distrito de Fortaleza.

Permanecendo o Município, daquela a esta data, com a mesma composição, apenas, pelo Decreto-lei estadual nº 1 114, de 30 de dezembro de 1943, o topônimo de distrito de Parangaba foi alterado para Parangaba.

FORMAÇÃO JUDICIÁRIA

Pela Provisão de 8 de janeiro de 1723, criou-se, desmembrada de Paraíba, a Ouvidoria de Ceará, que, pela Ordem Régia de 18 de janeiro de 1760, teve sua sede em Aquirás, a qual, porém, por força de Alvará de 27 de junho de 1816, foi transferida para Fortaleza, que passou a ser sede do comarca.

Nos quadros territoriais datados de 31-XII-1936 e 31-XII-1937, bem como no anexo ao Decreto-lei estadual nº 169, de 31 de março de 1938, retificado pelo Decreto estadual nº 378, de 20 de outubro de mesmo ano, o Município de Fortaleza é tórno judiciário e, como tal, sede da comarca de igual nome.

Nas divisões fixadas pelos Decretos-lei estaduais ns. 448, de 20 de dezembro de 1938, e 1 114, de 30 de dezembro de 1943, para vigerarem, respectivamente, nos quinquênios 1939-1943 e 1944-1948, a Comarca de Fortaleza compõe-se dos tórnes judiciários de Fortaleza e Soure, que, no último quinquênio, se denomina Caucaia.

Em virtude da Lei de Organização Judiciária vigente, que elevou todos os tórnes à categoria de comarca, Fortaleza é classificada em 4ª entrância, compendo-se de cinco distritos: Fortaleza, Antônio Bezerra, Messejana, Mendubim e Parangaba, divididos conjuntamente, para efeitos de registro civil, em duas zonas.